



## Entre movimento e pertencimento: O corpo na infância quilombola

Graciele Oliveira Pires\*<sup>1</sup>, Ananda Vieira dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

\*gracipirees@gmail.com

**TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO**

### RESUMO

O corpo é instância de expressão, mediação e construção de saberes em todas as infâncias, sendo o meio pelo qual as crianças articulam experiências, interações e significados culturais. No caso das crianças quilombolas, a corporeidade se relaciona diretamente com a afirmação de seu pertencimento cultural, articulando práticas, saberes e vivências específicas. A partir desse enfoque, o presente estudo analisa o corpo como dimensão central do desenvolvimento infantil, evidenciando seu papel na construção das vivências culturais das crianças quilombolas. O estudo apoia-se na perspectiva sociocultural e em uma revisão bibliográfica, com base nas contribuições de Arroyo e Silva (2012), Friedmann (2020), Bezerra (2021) e Garanhani, Paula e Camargo (2024), entre outros autores. Este estudo ressalta a importância de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem o movimento corporal no processo de aprendizagem, promovendo uma reflexão crítica sobre as interseções entre corpo, cultura e educação.

**Palavras-chave:** Corpo; Infância quilombola; Educação.

**Submetido em:** 12/10/2024 | **Aceito em:** XX/XX/2024 (não preencher)

### Introdução

A infância não constitui uma categoria uniforme nem passível de generalização. Cada criança vivencia e constrói o mundo a partir de experiências singulares, atravessadas por dimensões sociais, culturais e históricas que conferem sentidos particulares às suas formas de ser, agir e interagir. Essa compreensão rompe com concepções universalizantes, reconhecendo a infância como um campo múltiplo e dinâmico, tecido por contextos e práticas que se entrecruzam e se reinventam constantemente.

Conforme afirmam Dalmagro e Marques (2013, p. 8), "são muitos, são diferentes, são crianças. São sujeitos de infâncias múltiplas, contextos que diferem, práticas discursivas que se contrapõem", há uma complexidade que envolve a



constituição das infâncias e suas expressões no tecido social. Indo de encontro com essa perspectiva, Santos e Santos (2017, p. 183) destacam que “as infâncias são distintas para os diferentes povos e costumes: crianças asiáticas, crianças indígenas, crianças africanas”, reafirmando que a infância precisa ser compreendida em sua pluralidade.

Entre as múltiplas infâncias que compõem o mosaico sociocultural brasileiro, destaca-se a quilombola, que se inscreve nas malhas intrincadas da ancestralidade e da resistência histórica. Nessa perspectiva, os corpos infantis quilombolas emergem como portadores de uma historicidade viva, continuamente tensionada entre perpetuação e renovação. Longe de se circunscrever a parâmetros cronológicos ou concepções homogêneas (Paula, 2022), essa infância se manifesta como experiência encarnada, intrinsecamente articulada ao movimento corporal e à inscrição de saberes culturais transmitidos intergeracionalmente.

Sob o pressuposto de que “a tradição se manifesta primeiro nos corpos, antes mesmo das palavras” (Alvarez, Barela e Martins, 2011, p. 82-83), afirma-se que o corpo da criança quilombola tem a capacidade de comunicar e expressar práticas culturais que persistem frente às forças de apagamento e subjugação.

Ao aprofundarmos a análise sobre a corporeidade nessa infância, podemos evidenciar que são corpos que não se restringem às vivências no âmbito comunitário; configuram-se também como base de interação e reconhecimento no contexto escolar, espaço de socialização além da família, em que essas crianças estabelecem contatos com novas práticas, saberes e normas sociais.

Entretanto, apesar do reconhecimento da importância de considerar as múltiplas dimensões da infância no âmbito educacional, incluindo classe social, gênero, etnia e raça (Paula, 2019), esse espaço pode reproduzir padrões de exclusão ao negligenciar o movimento corporal.

Diante disso, torna-se premente a necessidade de uma educação capaz de reconhecer e valorizar o corpo das crianças quilombolas, acolhendo suas experiências e práticas culturais. Nas palavras de Cardoso (2025, p. 17), uma educação que “acolhe as infâncias em sua potência criadora”. Assim, a escola,



enquanto primeiro espaço formal de socialização para além do núcleo familiar, (Rego, 2003) precisa desenvolver práticas pedagógicas sensíveis às especificidades das crianças quilombolas.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo analisar o corpo como dimensão central do desenvolvimento infantil, evidenciando seu papel na construção das vivências culturais das crianças quilombolas. De caráter qualitativo, este estudo é conduzido sob a perspectiva sociocultural e se apoia em uma revisão bibliográfica, considerando as contribuições de Arroyo e Silva (2012), Friedmann (2020), Bezerra (2021) e Garanhani, Paula e Camargo (2024), entre outros autores.

Por conseguinte, através desse estudo, busca-se fomentar uma reflexão crítica sobre as interseções entre corpo, cultura e educação, aprofundando a compreensão de práticas pedagógicas que valorizem o movimento corporal das crianças quilombolas, fortalecendo sua expressão e consolidando seu pertencimento cultural.

## **Metodologia**

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva sociocultural. A fundamentação teórica baseia-se em uma revisão bibliográfica que, conforme Boccato (2006, p. 266), tem como propósito “a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Nessa direção, o estudo apoia-se nas reflexões de Arroyo e Silva (2012), Friedmann (2020), Bezerra (2021) e Garanhani, Paula e Camargo (2024), cujas contribuições oferecem subsídios para compreender o papel do movimento corporal na infância quilombola.

## **O corpo–criança na infância quilombola**

As crianças, em suas distintas formas de viver, perceber e interagir com o mundo, manifestam modos diversos de ocupar o espaço social da infância,



concebida como categoria dinâmica, heterogênea e plural. Frente a essa diversidade, impõe-se a necessidade de problematizar a infância enquanto campo complexo que, segundo Friedmann (2020, p. 34-35), exige o reconhecimento da coexistência de diferentes “infâncias”, “crianças” e “culturas”. Nesse sentido, cada criança evidencia suas particularidades por meio das práticas cotidianas, das interações com o ambiente e com seus pares, bem como da maneira pela qual mobiliza seu corpo no espaço social.

Para aprofundar tal reflexão fundamentamo-nos na perspectiva de Arroyo e Silva (2012), os quais salientam que tais expressões se materializam por meio das “heterogeneidades reveladas nos corpos” (Arroyo; Silva, 2012, p. 13). Ao empregar a expressão corpos, no plural, os autores enfatizam que é preciso compreender que não se trata apenas da diversidade de infâncias, mas da multiplicidade de corpos.

Nesse mesmo plano teórico, Garanhani, Paula e Camargo (2024) elaboram o conceito de “corpo-criança”, problematizando a concepção tradicional que reduz o corpo a um simples objeto pertencente à criança. Para as autoras, dizer que “a criança é seu corpo significa reconhecer que cada criança é única, singular e individual, que se constitui no coletivo, marcado pelas estruturas sociais e pela cultura” (Garanhani; Paula; Camargo, 2024, p. 6).

Compreende-se que não há uma única forma de experienciar a infância, tampouco um modelo homogêneo de corpo, cada criança manifesta, por intermédio de sua corporeidade, experiências imbricadas pela sua cultura. À luz dessa pluralidade, determinados contextos socioculturais revelam de maneira mais nítida as distintas formas de vivenciar a infância.

A infância quilombola constitui um exemplo paradigmático dessa diversidade, na qual se observam, segundo Santos e Santos (2017, p. 185), “singularidades afroancestrais: a criança está imersa em práticas culturais que dizem respeito à sua história e de seus descendentes”. Tais práticas, ao serem assimiladas e recriadas pelas crianças, não se restringem à transmissão abstrata de saberes; manifestam-se de forma concreta no cotidiano, por meio do corpo. Como assinala Maroun (2021, p. 4), “toda a prática cultural é, também, corporal”, assim,



o movimento corporal não constitui meramente uma ação física, mas um modo de expressar a cultura quilombola.

Paula (2019, p. 275) ressalta que as crianças quilombolas mobilizam a corporeidade como manifestação de expressão e criação “nem sempre possuem carrinhos de controle remoto [...] mas têm árvores, morros [...] criam enredos, criam cenas e dão seu próprio desfecho a histórias das quais elas são autoras e atrizes”. Assim, o corpo infantil funciona como mediador cultural, permitindo às crianças quilombolas vivenciar o espaço, interagir e manifestar, simultaneamente, modos próprios de ser.

As experiências das crianças quilombolas descritas por Paula (2019) permitem retomar a concepção de corpo-criança apresentada por Garanhani, Paula e Camargo (2024), que conforme as autoras, assumindo uma perspectiva biocultural, é um corpo híbrido, constituído pelo vínculo entre natureza e cultura, produzindo história e sendo também construído por ela por meio das relações e das dimensões físicas e simbólicas. O corpo-criança, nesse contexto, emerge como manifestação da própria infância quilombola, permitindo à criança imaginar, atuar e elaborar narrativas que refletem as tramas de sua vida (Cardoso, 2018).

### **O corpo na educação: Da invisibilidade à expressão**

No âmbito da educação ocidental, consolidou-se um paradigma dualista que promove a separação entre corpo e mente, implicando a recorrente desvalorização das experiências corporais nos processos de aprendizagem. Historicamente, tal concepção reforçou uma pedagogia centrada na primazia da racionalidade em detrimento da sensorialidade e da vivência concreta do corpo.

A escola moderna, desaprendeu a reconhecer o corpo como via legítima de produção de saber, restringindo o aprendizado ao domínio exclusivo da razão e instaurando uma ruptura que subordina o sensível enquanto dimensão constitutiva do conhecimento (Nóbrega, 2005). Sob essa ótica, o corpo infantil, com toda a sua potência expressiva e comunicativa, é comumente contido por



práticas que associam o movimento à indisciplina, cerceando a riqueza das experiências que emergem de sua presença ativa no espaço escolar.

Ao negligenciar essa esfera corpórea, a instituição escolar perpetua uma concepção fragmentada do ser humano, desconsiderando o caráter integral do aprender. Como assinalam Santos e Costa (2015), desde a vida intrauterina, a criança movimenta-se em contínuo diálogo com o ambiente, evidenciando que o conhecimento emerge da corporeidade em interação com o mundo.

Apesar da relevância do movimento corporal para o aprendizado infantil, nota-se que o corpo permanece frequentemente invisível no ambiente educacional. As expressões corporais, que antecedem e muitas vezes substituem a linguagem verbal das crianças, continuam invisibilizadas nas práticas pedagógicas.

Ferreira (2009) caracteriza essa abordagem como uma lógica educativa que privilegia a mente em detrimento do corpo, considerando este último como secundário e silenciando suas potencialidades formativas, “a mente é a parte mais importante, que ganha relevância no espaço escolar e, de forma acentuada, silencia o movimento humano” (Ferreira, 2009, p. 13-14). Tal separação não apenas reduz o corpo a mero suporte da cognição, como também estabelece uma norma que delimita o que é considerado aprendizado legítimo.

Consequentemente, o corpo assume um papel secundário, circunscrito à condição de instrumento da mente, como se a educação se configurasse exclusivamente como um fenômeno racional, desconsiderando a integralidade do ser humano. Nesse sentido, Tocantins (2012, p. 50) observa que “o corpo na escola continua a ser entendido da mesma forma que na sociedade, um objeto a serviço da mente que precisa ser educado para servir de força produtiva”, predominando uma concepção reducionista que ignora o corpo como agente de conhecimento e expressão.

Esse efeito torna-se particularmente evidente no contexto das crianças quilombolas, cujos corpos carregam trajetórias coletivas e repertórios culturais frequentemente tensionados ou invisibilizados pelas normas pedagógicas hegemônicas, que não apenas restringem a expressão corporal, mas compromete



a relação da criança quilombola com as formas de compreender e afirmar sua realidade cultural.

Em contraposição a essa normatividade, Souza (2020, p. 1300) elucida que essas crianças “mostram trajetórias que ampliam e aprofundam os estudos da infância e da criança, pois explicitam as muitas formas de existir-criança fora das semióticas dominantes”, as suas experiências subvertem categorias universalizantes de infância e desafiam a lógica disciplinar da escolarização.

Essa discussão sobre a subordinação do corpo à cognição e a subestimação de suas potencialidades formativas na escola evidencia a necessidade de reconsiderar o papel da corporeidade nos processos educativos. Nesse contexto, Bezerra (2021, p. 19) ressalta que “a educação se faz no corpo e, por isso, é importante considerá-lo nos processos de ensino e aprendizagem”, identificando-o como território de saber e pertencimento cultural.

Diante desse panorama, surge a seguinte indagação: De que maneira o corpo infantil, especialmente o das crianças quilombolas, é reconhecido no contexto educacional? Ouvir o corpo dessas crianças vai além da simples observação, exigindo a apreensão de saberes, experiências e modos de existir que desafiam e tencionam as normas da educação formal. Nesse sentido, evidencia-se a urgência de repensar práticas pedagógicas historicamente estruturadas para silenciá-los, uma vez que “querer ouvi-las pressupõe considerá-la em sua condição corpo criança” (Garanhani; Paula; Camargo, 2024, p. 17).

Nos corpos das crianças quilombolas estão impressas histórias e marcas culturais que revelam suas formas de viver e sentir o mundo. Ignorar essa dimensão é manter silenciadas experiências que carregam saberes, memórias e identidades. Torna-se, portanto, urgente dar visibilidade a esses corpos na educação, permitindo que deixem de ser invisíveis e se tornem plenos canais de expressão.

### **Considerações finais**

Cada infância é única, marcada por contextos sócio-históricos e culturais que influenciam modos de viver, sentir e se relacionar. O corpo infantil ocupa



posição central nessas experiências, sendo o meio pelo qual se constroem sentidos e se estabelecem relações significativas.

Embora este estudo tenha como foco a infância quilombola, a reflexão aqui proposta transcende esse recorte específico e se estende a todas as infâncias. Evidencia-se como o corpo, historicamente silenciado no contexto escolar, precisa ser reconhecido como dimensão central do processo de aprendizagem.

No caso da infância quilombola, o movimento corporal não apenas expressa saberes ancestrais, mas também fortalece os vínculos comunitários e reafirma o pertencimento cultural. O corpo, nesse sentido, revela-se como agente ativo na construção de sentidos, na mediação das relações sociais e na afirmação de identidades, uma condição que é constitutiva de todas as infâncias.

Em síntese, uma educação que reconhece o movimento corporal possibilita que cada criança participe plenamente de suas vivências e construa significados próprios. Ouvir o corpo-criança é compreender que o "movimento do corpo é uma linguagem da infância que expressa e comunica, a partir de uma biologia que se constrói e se constitui na cultura" (Garanhani; Paula, 2020, p. 94).

## Referências

ALVAREZ, Sonia; BARELA, Maria Luiza Ortiz; MARTINS, Leda Pimentel. **A fina lâmina da palavra:** a tradição e a escrita no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Mauricio Roberto da. Apresentação. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Mauricio Roberto da. **Corpo-infância:** exercícios tensos de ser criança. Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. **Corpo, Cultura e Educação (Física) nos Quilombos da Serra.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2021. 265 f.: il.z.

BOCCATO, Valéria Regina C. M. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação** *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.



CARDOSO, Marilete Calegari. **O brincar no ensino fundamental e suas ressonâncias para a formação docente.** *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, p. e17288, 2025.

CARDOSO, Marilete Calegari. **Catadores do brincar:** o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. 2018. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

DALMAGRO, Neli Burtet; MARQUES, Sonia Maria dos Santos. **As diferentes infâncias no Brasil numa perspectiva histórica: suas trajetórias, culturas e identidades.** *Cadernos PDE*. Curitiba: SEED, 2013. ISBN 978-85-8015-076-6.

FERREIRA, Priscila D'Almeida. **História da Educação do corpo e ergonomia na 4a série do ensino fundamental:** um estudo de caso. 2009. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

GARANHANI, Marynelma Camargo; PAULA, Déborah Helenise Lemes de; CAMARGO, Gisele Brandelero. **Corpo criança:** um conceito em construção nas pesquisas sobre infância. *Cadernos de Educação*, v. 68, p. 1-15, 2024.

GARANHANI, Marynelma Camargo; PAULA, Déborah Helenise Lemes de. **Notas sobre a educação do corpo da criança em movimento.** In: GONÇALVES, Jean Carlos; GARANHANI, Marynelma Camargo; GONÇALVES, Michelle Bocchi. *Linguagem, corpo e estética na educação*. São Paulo: Hucitec, 2020. p. 85-96.

MAROUN, Kalya. **Corpo, educação e identidade em comunidades quilombolas.** *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 25, p. 1-16, 2021.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação?** Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599–615, maio/ago. 2005.

PAULA, Elaine de. **“Vem brincar na rua!”:** entre o quilombo e a educação infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 13, n. 37, p. 418–438, 2022.

PAULA, Elaine de. **“É o lugar que a gente vive!”:** as brincadeiras das crianças quilombolas no contexto da educação infantil. **Educação em Revista**, Curitiba, v. 35, e2314, 2019.

REGO, José Carlos Libâneo. **A escola e a família como contextos de desenvolvimento humano.** *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 13, n. 25, p. 19-28, 2003.



## XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

### Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -  
V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT  
III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



SANTOS, Alessandra dos; COSTA, Gisele M. Tonin da. **A psicomotricidade na educação infantil**: um enfoque psicopedagógico. *Revista de Educação do IDEAU*, Paranaíba, v. 10, n. 22, p. 1–13, jul./dez. 2015.

SANTOS, Ana Paula dos; SANTOS, Marlene Pereira dos. **Infância e quilombo**: as relações étnico-raciais e as crianças quilombolas. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. (In)visíveis? **Crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil**. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1281–1304, dez. 2020.

TOCANTINS, Geraldo Marques de Oliveira. **Apropriações de tecnologias da informação e comunicação por professores no contexto da educação do corpo na escola**. 2012, 130f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.